

**Povo, polícia, políticos:  
legitimação da notícia no telejornalismo policial**

*People, police, politicians:  
the legitimacy of news in police telejournalism*

Fábio RIBEIRO<sup>1</sup>

**Resumo**

A partir de pesquisa empírica realizada na redação do telejornal policial *Alterosa em Alerta*, em Juiz de Fora/MG, e da observação de atividade recente em páginas do Facebook relacionadas ao programa, procura-se compreender a participação dos diferentes atores sociais na definição da representação legítima da “realidade”. Argumenta-se que a notícia, no telejornalismo policial, é fruto da confluência de um conjunto de fatores, alguns dos quais o autor tenta tornar explícitos no decorrer deste trabalho.

**Palavras-chave:** *Newsmaking*. Sociologia do jornalismo. Antropologia da mídia. Telejornalismo policial. Mídia – aspectos sociais.

**Abstract**

From the empirical research conducted among the editorial group that produce the police newscast *Alterosa em Alerta*, in Juiz de Fora / MG, and from the recent activity observation on Facebook pages related to the program, it seeks here to understand the participation of different social actors in the definition of the legitimate representation of "reality". It is argued that the news, in police TV journalism, is the result of the confluence of a number of factors, some of which the author tries to make explicit in this paper.

**Keywords:** *Newsmaking*. Sociology of journalism. Media anthropology. Police TV journalism. Media – social aspects

**Introdução**

O presente trabalho fundamenta-se empiricamente em uma etnografia realizada na redação do telejornal policial *Alterosa em Alerta*, transmitido de segunda a sábado

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais pela UFJF. E-mail:fabiorarib@gmail.com

para as regiões Zona da Mata e Campo das Vertentes, no estado de Minas Gerais, em entrevistas semiestruturadas realizadas com membros da equipe de produção, na análise de forma e conteúdo de edições do programa e no acompanhamento da atividade recente nas páginas do Facebook relacionadas ao telejornal e a seu apresentador. Percorre-se aqui o trajeto da notícia, da factualidade da ocorrência à sua veiculação feita ao vivo pelo apresentador. Busca-se nesse percurso compreender a participação de diferentes atores, em grande parte determinadas pelas restrições estruturais advindas da localização em posições específicas do espaço social, na definição da representação legítima da “realidade”.

O principal produto do trabalho jornalístico é a notícia. Como atividade socialmente constituída, a notícia é fruto de “complexo processo que começa com as sistemáticas distribuição e seleção de eventos e tópicos de acordo com um conjunto socialmente construído de categorias” (HALL *et al.*, 1978, p. 53). Parte dessas categorias é de origem socioprofissional. Adotada essa perspectiva, devemos de antemão partir do corolário óbvio e importante de que não há nada intrinsecamente noticiável em um evento (MacDougall, apud, HALL *et al.*, *idem.*). A notícia tem a ver com a própria rotina organizacional das empresas jornalísticas, no interior das quais os jornalistas precisam lidar com a regularidade da produção. Nesse aspecto, entram em questão a escassez do tempo, a centralidade do evento mais recente, a busca do “furo”, da “novidade”, o que leva muitas vezes a se dispensar qualquer trabalho de apuração mais demorado, a facilidade de acesso a informações - e principalmente a imagens, em se tratando de TV - tidas por representativas, a disponibilidade de recursos humanos e de infraestrutura, organização da força de trabalho, refletida nos cargos e atribuições (produção, editorias, reportagem, “técnica” etc.), a apreendida possibilidade lógica de enquadramento do evento dentro de um fluxo narrativo, o *ethos* profissional, a linha editorial do veículo, os determinantes legais vigentes, a presunção de deseabilidade da audiência, implicitamente “pactuada” a partir do “contrato” firmado entre programa e “audiência presumida” (VIZEU, 2005; HALL *et al.*, *op. cit.*, p. 54, já se referia, neste exato sentido, a uma *‘assumed’ audience*).

A rotina de produção de um telejornal segue, no geral, um padrão de busca pelo fato de maior alcance estimado possível, dentro do escopo de eventos ocorridos também o mais recentemente possível. O alcance é frequentemente garantido com a veiculação

de eventos de características extraordinárias, capazes de serem pelo menos mentalmente vivenciáveis pelo telespectador imaginado, em linguagem acessível e com recursos de formato capazes de tornar agradável a experiência de assistir à narração. Esses recursos estão materializados nas falas, roupas e gestos dos repórteres e apresentadores, na “clareza”, representatividade e espetacularidade da imagem (uma “boa” imagem é importantíssimo, como se diz no meio), na disposição das notícias no decorrer do programa (“paginação”), nos recursos técnicos de filmagem, sonorização, inserção de legendas etc.

A característica mais visível, e igualmente determinante da rotina de trabalho dos jornalistas, é a preocupação com a escassez do tempo. Os fatos a serem noticiados precisam ser os mais atuais possíveis, sob pena de se perder o “furo” para a concorrência – o que implica não obter as vantagens simbólicas e eminentemente práticas, junto aos concorrentes (BOURDIEU, 1997) e, sobretudo, relativamente à capacidade de despertar interesse e fidelidade da audiência. Sendo assim, a urgência do trabalho de apuração, edição e veiculação é uma constante dificilmente negligenciável nesse universo profissional. Faz parte do dia a dia da redação um ritmo frenético, aparentemente caótico, de repórteres que chegam com notícias, telefones que não param de tocar, rápidas negociações entre membros das equipes de reportagem, produção e edição<sup>2</sup> sobre o que deve ou não ser feito para compor o produto que irá ao ar dentro de pouco tempo, atendimento a demandas externas, seja de “fontes”, convidados “especialistas”, pessoas querendo sugerir matérias, “denunciar” problemas que enfrentam em seu dia a dia e que acreditam poderem ser resolvidos pela equipe do telejornal, monitoramento de mensagens de telespectadores e de “fontes” pela internet e também do telefone celular, troca de mensagens com membros de outras emissoras da rede. Toda essa atividade culmina na elaboração do programa, processo que, em muitos aspectos, continua durante a própria apresentação, ao vivo, e que só termina quando o telejornal acaba. A agitação do trabalho, determinada pela dependência da “novidade” e

---

<sup>2</sup> Há consideráveis variações contextuais na distribuição dessas atividades principais do trabalho realizado em uma redação. A possibilidade de indução do raciocínio que desenvolvo neste texto para a compreensão de combinações específicas existentes em outras realidades que não aquela que investiguei empiricamente é dada pela homologia estrutural, que, no escopo do interesse e objetivo analítico desenvolvidos neste artigo, se mantém. A divisão que apresento das atribuições principais do ofício jornalístico no interior de uma redação tem a pretensão apenas de corresponder a uma estrutura geral que pode ser encontrada, com maior ou menor especialização de funções, no interior de todas as empresas jornalísticas. Para uma apresentação mais detalhada dessa estrutura, com base em pesquisa feita no início da década de 90 do século XX em uma empresa de maior porte, cf. TRAVANCAS, 1993.

consequente necessidade de monitoramento do tempo, é comumente encarada como parte dos “desafios” da profissão, do que a torna, mesmo que cansativa, prazerosa para aqueles que a executam. Muito frequentemente ouvi de um editor de imagem, que quase sempre montava as matérias poucos minutos antes ou mesmo enquanto eram transmitidas, declarações como a que segue:

*Aqui a coisa é muito louca mesmo... muito corrida. Mas hoje está um dia até tranquilo. A correria é normal. Está dentro do controle. É louca, mas controlada. (Falando, enquanto transforma um conjunto fragmentado de vídeos e fotos em uma matéria de cerca de 10 segundos, que irá ao ar em cerca de 1 minuto!)*

As limitações impostas pelo tempo mantêm elevado o nível de adrenalina e aparecem com frequência vinculada à autoimagem de heroísmo e à valorização de uma ética do trabalho entre os jornalistas. Representação corrente no meio associa o trabalho árduo como característica distintiva do bom desempenho do ofício que exercem.

A equipe que produz o telejornal em cujos bastidores realizei a pesquisa é relativamente pequena, de forma que não há rígida divisão do trabalho. A pouca especialização, expressa como virtude em frases do tipo “Aqui todo mundo faz um pouco de tudo!”, decorre dos limitados investimentos feitos pelos executivos da empresa em um telejornal de alcance apenas regional, de conteúdo composto principalmente por notícias de criminalidade e com audiência estimada composta por pessoas de baixo poder aquisitivo, quesitos que, combinados, tornam o programa pouco atraente para grandes anunciantes e, portanto, relativamente pouco rentável. Limitados recursos materiais e humanos exigem matérias de baixo custo de produção, mas que tenham grande aceitação pela audiência-alvo do programa. As notícias policiais cumprem essa dupla função.

### **Como os “fatos” chegam à redação**

As fontes que informam sobre novidades que se tornarão notícias são basicamente os órgãos públicos de manutenção da ordem (polícias e bombeiros), prefeituras e câmaras municipais, de Juiz de Fora e de cidades da região de cobertura da

emissora<sup>3</sup>, bem como demais órgãos oficiais estatais. São também relevantes os próprios membros da equipe – sobretudo repórteres -, que sugerem fatos a partir de experiências pessoais interpretadas como representativas de algo que cabe na linha editorial do programa e denúncias feitas por telespectadores – que costumam enxergar no telejornal e na emissora uma via para solução de problemas.

O acompanhamento junto às fontes policiais, seja para obtenção da notícia “nova”, seja para acompanhar o andamento de eventos já noticiados, dá-se por meio da “ronda” (a partir de um protocolo de telefonemas rotineiros, feitos por várias vezes ao dia, pela equipe de produção) e também, com cada vez mais intensidade, através da troca de mensagens no aplicativo Whatsapp. Pelos *smartphones* pessoais e os da empresa, constantemente conectados no aplicativo a partir do qual se vinculam grupos de trocas de mensagem criados pela administração de repartições da polícia miliar, civil, florestal, federal, rodoviária federal, corpo de bombeiros, guarda municipal etc., além de grupos criados e administrados no interior da própria equipe de redação, chegam informações sobre “ocorrências”, reportadas diretamente por agentes policiais em trabalho. Há também grupos pelos quais se recebem mensagens de repórteres que estão nas ruas à procura de eventos noticiáveis e o grupo através do qual telespectadores, que ficam sabendo o número de celular para contato no decorrer do programa, enviam “casos” possivelmente noticiáveis e demandam notícias<sup>4</sup>.

Possibilidades de notícias também chegam via Facebook, através dos “perfis” da emissora, do programa e do apresentador. Faz parte do trabalho cotidiano na redação acompanhar o que chega por esses meios. Isso envolve tanto a leitura de mensagens propriamente ditas, enviadas por telespectadores e por informantes privilegiados, funcionários dos órgãos referidos acima, além do acompanhamento do que é publicado

---

<sup>3</sup> A emissora local da Rede Alterosa, afiliada mineira do SBT, alcança oficialmente um total de 132 municípios, que abrigam em conjunto uma população de aproximadamente 2 milhões de habitantes. Não era incomum ouvir das pessoas, no interior da redação, como ênfase argumentativa da importância e “sucesso” do trabalho que fazem, o fato de que “Falamos para mais de 2 milhões de pessoas!”.

<sup>4</sup> A maior parte da interação entre telespectadores que enviam mensagens e a equipe do programa, entretanto, não se dá pela sugestão e apuração de pautas. É constituída em sua quase totalidade pela troca de elogios, cumprimentos e pedidos dos telespectadores para que se mostrem ao vivo fotos enviadas por estes, em reação ao espaço estrategicamente dado pelo programa a esse tipo de comunicação. A interatividade, entendida no interior da redação (conforme ouvi em depoimento pessoal da Editora-Chefe) como necessidade do atual modelo de jornalismo e concebida em alguns trabalhos acadêmicos como indicativa da perda de inocência do receptor, configura-se, nesse exemplo, como inocentes trocas de saudações em rede.

em outras páginas onde se possa encontrar algo noticiável no programa<sup>5</sup>. Há também, em menor quantidade, membros de demais órgãos públicos, de empresas, e telespectadores anônimos que vão pessoalmente ao prédio da emissora oferecerem e demandarem notícias. Ainda em menor monta, há matérias que chagam prontas das outras emissoras da Rede e outras obtidas pelo acompanhamento ininterrupto do que é divulgado nas emissoras concorrentes<sup>6</sup>.

Das fontes mencionadas, as policiais destacam-se pela frequência, acessibilidade e percepção pelos jornalistas da inerente noticiabilidade dos eventos reportados. Pela frequência, porque as fontes de informação são fixas, constantes, e parecem conceber a divulgação de suas ações como parte constitutiva de seu ofício. Em um universo compreendido por uma população de cerca de 2 milhões de habitantes, a maior parte desses residentes de áreas urbanas, há intensa e diversificada atividade social, de modo que o tempo todo chegam à equipe de redação relatos de apreensões de armas e de drogas, prisões, roubos e furtos, perseguições, assassinatos etc., restando aos jornalistas as tarefas de selecionar, apurar e divulgar. A acessibilidade aos “fatos”, à apuração do ocorrido e suas decorrências no âmbito legal são facilmente viabilizadas através da atuação de “informantes” privilegiados nos interiores desses órgãos.

Agentes policiais que têm acesso mais imediato, mesmo pessoal, às ocorrências e que ocupam relativa posição de comando – refiro-me especialmente a cabos e sargentos – veem com bons olhos a abordagem do programa – que é tido por eles como valorizador do trabalho que executam - e, assim, chegam a desenvolver relação de cumplicidade com a equipe e até de amizade pessoal com alguns jornalistas. Isso ocorre de maneira destacada em relação ao apresentador, pessoa que afinal de contas é

---

<sup>5</sup> Uma página no Facebook muito utilizada como referência para assuntos de repercussão local, similares aos que são veiculados no programa, é o “perfil” Juiz de Fora da Depressão. Exemplar desse tipo de “jornalismo amador”, possibilitado em grande escala pelo massivo acesso à internet via telefonia móvel, há no “perfil” intensa atividade, levada a cabo por milhares de “amigos”. A partir de publicação de seu administrador ou de algum frequentador da página, relatando dificuldade que tenha enfrentado na utilização de um serviço público ou privado, seja “denunciando” a existência de um buraco em via pública do bairro onde mora, o “mau atendimento” de determinado restaurante ou mesmo uma possível situação de maus tratos a animais, por exemplo, subscrevem-se quase que instantaneamente dezenas de comentários de leitores. A constatação dessa intensa atividade de telespectadores potenciais, aliada à possibilidade de se obter, a baixíssimo custo, indicações de fatos noticiáveis tornam a referida página, além de fonte, uma espécie de laboratório para se testar o que dá ou não repercussão e, portanto, o que deve ou não se tornar notícia no *Alterosa em Alerta*.

<sup>6</sup> Como é de costume em ambientes do tipo, havia, em lugar de ampla visibilidade na sala de redação, um televisor permanentemente sintonizado na TV Integração, afiliada regional da Rede Globo e principal emissora concorrente local.

concebido como o porta-voz do programa e da emissora, e cujas opiniões pessoais são percebidas pela audiência como coincidentes com as expressas na atuação como personagem televisivo (cf. depoimento de policial apresentado a seguir).

## **A reprodução do discurso oficial da fonte**

Há instituições que, no simples ato de reportarem suas atividades, geram grande quantidade de material concebido como útil no interior do universo jornalístico. Conforme esbocei acima, a polícia é uma dessas instituições. No jornalismo policial, a intimidade entre fontes e jornalistas é tão grande que, de meras gentilezas e trocas de favores, chega-se mesmo a desenvolver-se uma sintonia cognitiva. Tornando analítica parte da memória etnográfica de Robert Darnton, fruto de sua experiência pessoal como repórter policial no jornal *The New York Times*, na década de 60 do século passado, podemos dizer que a interdependência gera uma relação de “simbiose” entre jornalistas e polícia, a qual leva os primeiros a mesmo inconscientemente adotarem a própria “concepção de crime dos tiras” (DARNTON, 1990, p.83). Da relação de cumplicidade com as fontes policiais, claramente advinda das mútuas facilidades práticas e simbólicas acima descritas, resulta a necessária incorporação do ponto de vista policial pelos jornalistas que produzem programas policiais<sup>7</sup>. A cobertura jornalística, como decorrência da urgência, que impossibilita o aprofundamento, tanto na apuração como na apresentação, além da quase exclusividade das fontes rentáveis, torna-se reprodutora do um discurso emanado das “instituições da ordem” (CALDEIRA, 2003, p. 10).

A polícia é apresentada como corpo de profissionais responsáveis por eliminar o mal da sociedade. Nessa condição, são vistos como heróis abnegados que, apesar de ganharem pouco e conviverem com o perigo, desempenham seu trabalho com bastante êxito (uma vez que, claro, apenas as ações exitosas, do ponto de vista da polícia, são noticiadas; dificilmente se noticiaria o fato de um infrator escapar, por descuido ou imperícia do agente da polícia, por exemplo). São eles que apreendem drogas e armas, que prendem bandidos, que conscientizam os cidadãos a respeito de regras de segurança necessárias para o bem-viver em sociedade, que mantém a ordem, impõem aos

---

<sup>7</sup> Independentemente da crença pessoal que os jornalistas possam vir a manter nos pontos de vista que veiculam.

malfeitores desejáveis punições prévias, antes de estes ingressarem – e a despeito do que vier a ser feito posteriormente - no âmbito do sistema penal legal.

Do ponto de vista dos jornalistas, a incorporação da perspectiva da polícia é também uma condição para a manutenção de boas relações com a principal fonte de matéria prima. Além disso, essa perspectiva tem considerável aceitação no universo ocupado pela audiência presumida do programa, uma vez que o discurso veiculado é feito em linguagem coloquial, próxima da empregada pelas pessoas que comumente assistem, os temas são próximos, pois ocorrem quando não em bairros periféricos, envolvendo, como algozes ou vítimas, pessoas residentes nesses locais. Esses fatores coadunam-se na obtenção de audiência potencialmente consumidora, objetivo primordial da empresa, que é articulado na *ilusão* (BOURDIEU, 1989, p. 82) do campo jornalístico por meio do valor “credibilidade”, característica moralmente almejada para o fruto da atividade jornalística, e fidelidade, relação com o telespectador que, supostamente, gosta porque confia no programa.

## A “motivação da tropa”

Frequentemente vi policiais militares irem à redação, durante todo o dia, sugerirem notícias, relatarem o andamento de determinado caso, darem “depoimentos”, esclarecerem detalhes de resultados de operações, de modo a afinarem juntamente à editoria a melhor maneira de abordar determinado fato noticioso envolvendo a ação policial. Igualmente comum é a vinculação e participação de policiais nos movimentados “perfis” da emissora e, sobretudo, do âncora do programa, no Facebook. O apresentador publica fotos em que posa junto de policiais, capturadas nos momentos em que o jornalista fazia sua ronda pessoal às repartições policiais, durante a madrugada, à procura de notícias “quentes”, em “primeira mão”. Policiais comentam sempre amistosamente sob as fotos, seja para brincarem em relação ao conteúdo da imagem, saudarem pessoas ali retratadas, agradecer a “parceria”, elogiar o apresentador por seu desempenho no papel, enfim, expressarem um conjunto de sentimentos que revelam uma relação de coleguismo e, por que não, de cumplicidade, conforme mencionei acima.



O apresentador, durante todos os programas, manda “abraços” para soldados, cabos e sargentos da polícia militar, sempre se referindo a essas pessoas por meio de apelidos e/ou epítetos amistosos, denotadores de proximidade pessoal, como, por exemplo: “meu amigo cabo X” ou o “nosso querido sargento Y, o homem do coturno mais engraxado da cidade”. Lembra e promete, ao vivo, visitas às delegacias e até às casas dos policiais, a fim de “tomarem um café”, “comerem aquela feijoada”, “fazerem um churrasquinho no fim de semana”.

Os policiais constituem inclusive um elemento importante do público (DARNTON, op. cit., p. 83) uma vez que, além de fontes, compõem parte considerável da audiência. Grande número dos seguidores do perfil do programa, no Facebook, bem como do perfil pessoal de seu apresentador, mostram-se como policiais<sup>8</sup> (seja em atividade ou aposentados) ou como pessoas que alegam serem suas familiares, amigas e/ou admiradoras. São frequentes, sob publicações feitas originalmente no “perfil” do apresentador e no do programa, comentários de policiais e seus simpatizantes ativos, em tom de agradecimento e cumplicidade. No exemplo abaixo, o comentário foi bem explícito da relação que nos interessa tornar evidente aqui. O apresentador publica uma foto em que aparece em primeiro plano, na posição de quem segura a câmera para enquadrar a si mesmo e aos demais, secundado por quatro policiais fardados, três deles com as mãos para trás (em posição militar de descanso), o outro com as mãos baixas aos lados da cintura, todos discretamente sorridentes, posando para a fotografia, cientes e aparentemente coniventes com aquela atividade; mais ao fundo, há diversas viaturas da polícia militar. (Os textos serão reproduzidos da exata maneira em que estão escritos):

---

<sup>8</sup> Preferi essa alegação indireta, feita a partir das identidades exibidas no Facebook no momento da pesquisa. Visualizei somente as áreas “públicas”, disponíveis nos “perfis” dos seguidores do programa, de seu apresentador e da emissora. Ou seja, tive acesso apenas àquelas telas cuja visualização exige não mais que o prévio cadastro no sistema. Minha argumentação é feita com base nessas informações. A despeito de que, no limite das possibilidades de criatividade inventiva e até simulatória às quais o relativo anonimato na rede pode levar, muita gente possa estar simplesmente mentindo, creio ser dificilmente concebível o fato de que parte considerável dos perfis que acessei seja de pessoas que se passam por policiais, sem sê-lo de fato. De qualquer forma, mesmo se a situação inversa fosse a verdadeira, já haveria nessa espécie de esquizofrenia coletiva um fato social igualmente relevante para o argumento aqui desenvolvido.

*Legenda, escrita pelo apresentador:* Na DG agora a pouco com o Sgt. Luís<sup>9</sup> e sua equipe, droga e uma granada de gás apreendida, não perca no *Alerta!!*

*Comentário de um “seguidor”:* Parabéns. Sou seu fã. Vc com seus comentários no programa esta motivando a tropa, e isso é muito bom. Reformei e fui. Dá um abraço na Maria e no José<sup>10</sup> eles me conhecem da ROTAM muito bem.

Existe, como é possível depreender da leitura desses e de outros comentários, uma clara relação de cumplicidade, em que, por um lado, o apresentador demonstra ter trânsito fácil junto ao corpo policial – sobretudo entre praças (soldados, cabos e sargentos), que estão mais frequentemente envolvidos com as atividades ostensivas nas ruas e que também compõem a classe social na qual se situa a audiência modal do programa –, familiaridade “espontânea” com o vocabulário nativo (mostrada na utilização “natural” da sigla “DG”, correspondente a delegacia), além de estar pessoalmente comprometido com a divulgação do ocorrido, uma vez que está fazendo a apuração por conta própria, enquanto consolida e tece novas relações pessoais. Por outro lado há a fala do próprio policial, representativa de uma coletividade, que assiste ao programa e se sente valorizado ao ver serem divulgadas ali, em tom positivo, algumas das ações da “tropa”. Gosta dos comentários do apresentador, que costuma apresentar a notícia do crime sob o ponto de vista da polícia (“A polícia apreendeu...”, “Bandidos presos no bairro...”, “Suspeito de roubo segue foragido...”). Além disso, o policial demonstra e reclama para si relativa amizade com membros da equipe do programa, ao saudá-los por intermédio do apresentador. A mensagem do policial parece subtender que ele tem com essas pessoas uma relação pessoal, alimentada por afabilidades mútuas, e atestadora da confiança também mútua.

Policiais veem-se no programa, aparecendo como heróis que estão contribuindo para eliminar “o mal”, que estão a realizar seu trabalho de maneira produtiva – uma vez que as notícias, espécies de relatório seletivo do que fora realizado com êxito e do que está sendo realizado com empenho, são muitas e seguem um fluxo ininterrupto de

---

<sup>9</sup> Nome fictício. Sempre que houver nome pessoal nas citações, procederei dessa maneira. A única exceção ocorrerá com o nome do apresentador, uma vez que nesse caso se trata é “figura pública” midiática.

<sup>10</sup> Nomes fictícios. “Maria” é uma das atuais e mais constantes repórteres do programa; por isso, é bem conhecida entre os telespectadores. “José” é jornalista, cinegrafista. Atualmente compõe com “Maria” uma das duas equipes de reportagem fixas do programa.

novidades rotineiras. A valorização de seu trabalho, que lhes auferem inegáveis ganhos simbólicos em seu relacionamento com uma parcela da população, faz com que continuem com muita boa vontade alimentando de “fatos” noticiáveis os jornalistas, profissionais intrinsecamente ávidos por essa matéria-prima.

## “Ajudando a limpar a cidade”

Das notícias veiculadas nas edições do *Alterosa em Alerta* aqui analisadas, uma das que geraram mais celeuma entre dos jornalistas dizia respeito à prisão de um suspeito de ter roubado 19 *tablets* em uma escola estadual localizada em um bairro pobre de Juiz de Fora<sup>11</sup>. Na reportagem são entrevistados, nas dependências de uma delegacia da Polícia Civil, o referido suspeito e outro homem, quem supostamente havia interceptado e revendido alguns dos objetos furtados, recebidos por ele como pagamento de uma dívida. Narra-se que duas pessoas, tendo inocentemente comprado os *tablets* do interceptador, procuraram a Polícia Civil. Uma delas haveria alegado tê-lo feito assim que descobriu, ao assistir à edição do dia anterior daquele telejornal, que o objeto recém-adquirido era fruto de atividade criminosa. Com a eventualidade de tal acontecimento, duplamente legitimador do valorado alcance de audiência e da defendida atividade de “prestação de serviços” feita pelo telejornal, nada mais eficaz em termos de convencimento do telespectador que a declaração pessoal da própria “benfeitora”. E assim prossegue a notícia, com a voz e silhueta de uma mulher, que fala por traz de um vidro fosco. A pessoa afirma o que a repórter, com ênfase na parte em que se menciona a emissora, acabara de anunciar no “*off*”:

(...) com o *Jornal da Alterosa* mesmo [referindo-se ao *Alterosa em Alerta*](...) que a gente ficou sabendo.../ a gente viu a reportagem lá, com o Valmir falando./ [Então] A gente resolveu voluntariamente ir até a delegacia e entregar/ (...) devolver, né.

A notícia cujo trecho expus acima ilustra perfeitamente a maneira como os agentes envolvidos na produção do telejornal querem que seu produto seja representado:

---

<sup>11</sup> A notícia motivou o esforço de realizarem uma matéria com 2,5 minutos de duração, o que só acontece para assuntos considerados de grande destaque. Foi apresentada, na íntegra, também na edição noturna do programa e retomada, acrescida de “novas informações”, no dia seguinte.

um telejornal comprometido com a população, o que implicaria estar preocupado com a manutenção da ordem; um trabalho que, em decorrência dessa virtude, é reconhecido e valorizado pelo público.

É muito frequente no discurso conscientemente enfatizado nas edições do telejornal o fato de que o trabalho ali desenvolvido caracteriza-se pelo acompanhamento do desfecho das denúncias, contribuindo, assim, para a solução de problemas enfrentados por pessoas que vivem em situações de classe equivalentes à da audiência modal do programa. Essa representação, cuidadosamente construída e mantida no âmbito da emissão, parece ser em grande medida compartilhada no universo da recepção. Em vários comentários vinculados a fotos do apresentador junto de policiais, leem-se variações de mensagens como a que segue: “Ótima parceria. Vocês estão ajudando a limpar a cidade.” Em outra foto, dentre muitas outras em que figura ao lado de policiais, viaturas, dependências e/ou logotipos das polícias, o apresentador aparece em uma rua escura, vestindo casaco com insígnia de emissora, e novamente situado em primeiro plano. Ao fundo há viaturas, estacionadas em frente ao que parece ser uma delegacia:

*Legenda:* Hj de madrugada na delegacia, chopada fechada no [bairro] Jóquei, homicídio no [bairro] Sta Cruz, daqui a pouco as 19:20 no Alerta de sábado!!

*Comentário de uma “amiga”:* É isso aí, larga o aço<sup>12</sup>, o trabalho de vcs junto com a polícia militar estão de parabéns

Em mais um exemplo vemos a familiaridade do jornalista com o universo simbólico policial. A legenda é similar a um rotineiro relatório de atividades, feito por quem está no desempenho do ofício, em texto muito próximo do que poderia ter sido escrito por um agente policial. A divulgação prévia feita a partir do lugar em que a ocorrência fora oficialmente registrada, é separada apenas por uma vírgula do convite aos telespectadores para que assistam ao programa. No comentário, a telespectadora confirma a gosto pelo programa, ao inclusive repetir um bordão do apresentador, e parabeniza equipe jornalística e polícia militar pelo trabalho que fazem, supostamente

---

<sup>12</sup> “Larga o aço” é bordão do apresentador. Expressão aparentemente oriunda do meio policial, é usada também por outros apresentadores de telejornais policiais. É equivalente a imperativos como “Manda bala”, “Mete o dedo”, “Senta fogo” etc. e quer dizer “Atire [com arma de fogo]”.

em conjunto. É recorrente por parte dos telespectadores a ideia de que há uma louvável relação de parceria entre polícia e programa no combate ao crime. O apresentador e os demais membros da equipe (estes, interlocutores invisíveis, também transformados em personagens a partir, sobretudo, da atuação ao vivo do apresentador), a própria emissora – concebida como entidade portadora de uma vontade, tornada impessoal, de um conjunto de pessoas de boa índole - e os policiais são vistos como que estando empenhados na prisão dos criminosos e na consequente eliminação do “mal que assola a sociedade”.

### **“Já passou da hora de as autoridades tomarem uma providência!”<sup>13</sup>**

Nesta sessão discuto como o discurso no interior do telejornalismo policial contemporâneo passa rapidamente da crítica ao comportamento desviante à crítica aos “políticos”, responsabilizando-se os últimos pelas atitudes dos primeiros.

É característica distintiva do formato telejornalismo policial, concebida na fonte produtora como estratégia para que o produto seja apreciado pelo público, o julgamento dos fatos noticiados, feito pelo apresentador. E o julgamento é feito com mais intensidade quando diz respeito a questões morais, seguindo uma estrutura de “apelo ao consenso” (HALL, op. cit. p. 56). A narração da notícia propriamente dita, a apresentação do “fato”, feita, em práticas jornalísticas tidas por mais legítimas no interior do campo (no jornalismo dito “tradicional”) sob o esforço declarado de se alcançar a maior economia de análise e julgamento possível, no telejornal policial fundamenta-se nas opiniões dos apresentadores, as quais costumam preencher quase a totalidade do tempo da apresentação do programa. Um mesmo acontecimento, apresentável em uma sentença curta, é afirmado, reafirmado, invertido em sua ordem sintática, com ênfases cambiantes, retomado, realimentado com adjetivos, dramatizado em cada detalhe, comparado com casos semelhantes, em busca do fácil entendimento do público, com ênfase no julgamento moral, sob o apelo a presumíveis valores universais, consubstanciados nas figuras de autoridade dos apresentadores e, frequentemente,

---

<sup>13</sup> Essa frase, diferentemente daquelas utilizadas nos títulos de outras seções deste trabalho, não é uma citação de fala ou texto específicos. Trata-se, entretanto, de uma tentativa de síntese um pouco mais formal, representativa de locuções muito recorrentes no universo simbólico em análise.

confirmados por demais “empreendedores morais” (BECKER, 2008) que compõem o elenco do programa. Fazem-se reconstituições dramatúrgicas dos eventos, rememoram-se casos parecidos, recolhem-se depoimentos com impressões pessoais dos envolvidos, pareceres profissionais de representantes de instâncias estatais, de advogados, dos repórteres que elaboraram a “matéria” e de outros membros da equipe de produção do programa, construindo-se, por meio da edição, um cenário discursivo que será resumido e julgado, de maneira caracteristicamente enérgica, em tom de indignação, pelo apresentador.

Essas características estilísticas, presentes com maior intensidade em todos os programas que poderíamos enquadrar no “formato” telejornalismo policial<sup>14</sup>, além de justificarem-se comercialmente para a empresa, dada a atestada aprovação da audiência, estão também associadas ao entendimento nativo de que o público deve ser tutelado, educado, orientado, cognitivamente auxiliado no ato de refletir e se indignar com os problemas do mundo.

Acompanhemos a seguir um comentário enérgico do apresentador, ritualmente proferido após a notícia sobre o roubo dos *tablets*, mencionada acima. Essas falas são elucidativas do fenômeno que pretendo destacar:

*A matéria termina. Passa-se a exibir o apresentador, que começa sua interpretação e julgamento do que se acabara de assistir:*

(...) o cabra fala, na cara dura, que foi lá pra ver se arrumava alguma coisa pra roubar mesmo.../ não tem vergonha na cara de falar uma coisa dessa/ a verdade é essa/ Por quê?! O cara vai numa escola pública porque sabe que ali são pessoas que frequentam que têm um baixo poder aquisitivo.../ nesse país não se leva em consideração de forma nenhuma a educação. Se levasse a educação a sério nesse país, [em] um crime como esse o cabra não tinha nem.../ é inafiançável... É inafiançável invadir.../ tirar a oportunidade de crianças que querem melhorar.../ Não tem nada... / não se dá nada nesse país.

---

<sup>14</sup> Exemplos ilustres do “gênero”, presentes nas atuais grades das redes nacionais de TV são Cidade Alerta (Rede Record), Brasil Urgente (Bandeirantes), Balanço Geral (Record). Há também dezenas de versões locais desses produtos principais da cadeia, além de outros congêneres, de propriedade original das emissoras regionais. O programa que analisamos neste trabalho é um destes últimos. Ancestrais mais imediatos na televisão foram, por exemplo, os programas Repórter Cidadão (Rede TV!), Cadeia Alborqueti, Cadeia, 190 Urgente (todos esses da TV Gazeta), Aqui Agora (SBT). O precursor mais explícito e normalmente apontado como sendo o programa O povo na TV, de 1984. Para uma identificação desses programas em perspectiva histórica, cf. ADERALDO, 2008.

O fala transcrita, até então, seguia em tom de indignação, apenas. Na exata continuação do discurso é acrescentada notável dose de ironia:

Aliás, por falar nisso.../ a [presidenta] Dilma/ eu gostei do discurso dela.../ é a mandioca.../ a mandioca é uma das maiores conquistas desse país./ É uma coisa fantástica!/ A mandioca é fantástica!/ Viva a mandioca!... aí a mandioca continua entrando... na história.../ vou te contar.../ mais uma vez a mandioca aparece aí./ A mandioca veio para os pobres alunos dessa escola... que estão [sem os *tablets*]...<sup>15</sup>

O formato é o que se vê através dessas citações: apresenta-se a notícia, que é seguida do comentário opinativo do apresentador. Haveria inúmeros exemplos a serem utilizados, mas o trecho transcrito ilustra bem a recorrente transição, na estrutura da argumentação, de uma crítica moral ao indivíduo transgressor à crítica difusa aos “políticos” – assim, generalizadamente, ou personificados, como neste exemplo, em que se faz referência à presidenta da República<sup>16</sup> -, fundamentada na defesa dos presumíveis interesses dos que têm “baixo poder aquisitivo”. A crítica ao caráter individual do sujeito que havia roubado os objetos em uma escola pública (o “cabra”, que “não tem vergonha na cara”), liga-se à análise de cunho mais coletivo, onde se argumenta que “nesse país não se leva em consideração (...) a educação”, caso contrário, um crime desses seria considerado por lei “inafiançável”. Por um momento é acionado, no plano retórico, como que para legitimar a revolta de maneira mais decisiva, a imagem verbal daquelas que teriam sido as vítimas mais diretas do crime: as crianças pobres “que querem melhorar” e das quais estava sendo retirada, através de atividade criminosa, uma “oportunidade”.

A análise feita pelo apresentador ganha ares crescentes de ironia ao transitar para a crítica à presidenta. A menção à mandioca, tubérculo cuja imagem é comumente evocada com conotação fálica neste país, torna-se ponto de partida para a insinuação

---

<sup>15</sup> *Alterosa em Alerta* - 1ª Edição, transmitido dia 25-06-2015.

<sup>16</sup> No dia anterior a presidenta Dilma Rousseff havia feito um discurso na cerimônia de abertura dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. Em determinado momento da fala protocolar, louvara a importância do tubérculo mandioca como bem natural brasileiro, importância essa que seria comparável à de outros bens alimentares “que foram essenciais para o desenvolvimento de toda a civilização humana ao longo dos séculos” (vídeo disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/videos/t/edicoes/v/dilma-sauda-mandioca-em-evento-no-rio-de-janeiro/4274453/>. Acesso em: 8 jul. 2015.). O trecho da fala foi quase que instantaneamente selecionado e passou a circular na internet, normalmente associado a críticas *ad hominem* à presidenta.

sarcástica de que as crianças pobres do colégio assaltado estariam sendo prejudicadas, enquanto a presidenta fazia discursos de louvação ao dito produto agrícola “civilizador”. Ao mesmo tempo em que a fala da presidenta da República teria algo de supérfluo (afinal de contas, enquanto pessoas inocentes continuam sendo prejudicadas, vítimas da criminalidade, a ocupante do mais alto cargo político do país preocupa-se com algo tão... trivial), ela esconderia, subliminarmente, um conteúdo sádico. Isso porque o objeto de reconhecida potencialidade fálica, louvado no discurso presidencial, representaria simbolicamente o objeto da tortura imposta aos “pobres alunos dessa escola”.

## Conclusão

Da confluência de interesse da empresa (volume de audiência potencialmente consumidora), valores jornalísticos (que estabelecem a “credibilidade” do “público” como atributo pretensamente atestador da qualidade técnica e moral do trabalho que fazem), limitações materiais vivenciadas pela equipe de redação (facilidade de acesso às fontes, associada à escassez de recursos para produção), perspectiva das “instituições da ordem” (desejosas de reconhecimento e valorização por seu trabalho), anseios civis dos telespectadores (acometidos pela falta de condições de acesso ao mínimo bem estar social, devido à precária condição de classe), generalizada atribuição às “autoridades” por todos os males que afligem as pessoas, surge a notícia. Mais que isso, desse conjunto de fatores principais, estruturalmente operantes, resulta a eficácia simbólica – isto é, o poder de fazer ver e, portanto, de fazer existir (BOURDIEU, 1996, p. 95) - das notícias veiculadas nesse formato de telejornalismo massivamente presente no *menu* da indústria cultural brasileira contemporânea.

A partir da posição de denúncia, cobrança e crítica ao “poder público”, quase sempre personificado na figura de políticos, cria-se um indiscutível inimigo comum. Já a polícia, “em sua maior parte composta por gente honesta e trabalhadora”, em frase comum de se ouvir sendo proferida pelo apresentador, continua fazendo seu heroico trabalho, e o “povo”, sempre interpretado como vítima das circunstâncias, é visto como aquele que continua levando a pior. Eis completo o ciclo de legitimação das notícias,



daqueles que as protagonizam e dos que as reportam, perante si mesmos e àqueles que as consomem.

### **Referências**

ADERALDO, Guilherme André. **Das ruas à tela:** a representação da violência na mídia eletrônica. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas/SP.

BECKER, Howard S. **Outsiders:** estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Lisboa: Difel, 1989.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas linguísticas:** o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996.

\_\_\_\_\_. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros:** crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2003.

DARNTON, Robert. Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica. In: **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução.** São Paulo: Cia das Letras, 1990, pp. 70 – 97.

HALL, Stuart *et. all.* *The social production of news.* In: **Policing the crisis:** mugging, the state, and law and order. London: The Macmillan Press, 1978, p. 53 - 77.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas.** São Paulo: Sumus, 1993.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia:** os bastidores do telejornalismo. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.